

## Um Estudo Sobre as Terapêuticas Musicais do Núcleo Reinado Sepé Tiarajú

*Joel Follmann*

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA  
*joel-hp@hotmail.com*

*André Muller Reck*

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA  
*andremreck@hotmail.com*

**Resumo:** O presente artigo tem por tema uma pesquisa em andamento que trata do trabalho que é realizado nos encontros da Terapêutica Musical, uma atividade que acontece no Núcleo Reinado Sepé Tiarajú, grupo filiado a Associação Grupo de Amigos da Era de Aquário (AGAEA). Tem por objetivo a compreensão dos processos que envolvem esta atividade musical, buscando compreender as escolhas de repertório e como ocorrem as construções dos rearranjos das músicas propostas. Assim, apresenta o espaço/campo da pesquisa e traz como proposta metodológica para a produção dos dados a escrita de diários de campo, buscando um enfoque qualitativo a partir de um olhar autobiográfico. Apresentando por último, alguns dos desafios de uma pesquisa que tem por objeto o próprio trabalho como docente e condutor da atividade pesquisada.

**Palavras-chave:** Interculturalismo, Educação Musical, Terapêutica Musical.

### Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa em andamento, que está sendo realizada para o TCC do curso de Licenciatura – Música da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. Ela nasceu da minha vivência como coordenador de uma atividade denominada Terapêutica Musical em um grupo religioso e espiritual, o Núcleo Reinado Sepé Tiarajú, que é filiado a Associação Grupo de Amigos da Era de Aquário (AGAEA). Tem por objetivos uma melhor compreensão dos processos que estão ligados a escolha de repertório e a criação e construção de rearranjos das músicas escolhidas, partindo de uma perspectiva que trabalhe a aprendizagem musical de uma forma mais plural e dinâmica.

Para isso, inicio o texto defendendo uma educação musical intercultural, aportando este conceito a partir das teorizações que QUEIROZ (2015) e PENNA (2012) fazem sobre a temática. Posteriormente trago uma contextualização do espaço onde será realizada a

pesquisa, tratando de apresentar a Associação GAEA, o Núcleo Reinado Sepé Tiarajú e a Terapêutica Musical. Após esta contextualização do campo, busco apresentar algumas pesquisas que também foram realizadas em contextos religiosos e espirituais. No capítulo metodológico apresento a ideia dos Diários de Campo, partindo de uma perspectiva de pesquisa autobiográfica com um enfoque qualitativo, descrevendo como a produção de dados está sendo pensada. E por último apresento algumas expectativas em relação a pesquisa, assim como os desafios que dela emergem.

## **Entendimentos sobre Educação Musical**

Nesta pesquisa reflito sobre o conceito de educação musical intercultural, e traço a minha linha de pensamento de acordo com as contribuições de Queiroz (2015). O referido autor defende uma educação musical que é fundamentada em processos de formação em música que reconheçam e interajam com o “outro” para que um “nós” verdadeiro e equilibrado seja construído coletivamente entre diferentes grupos culturais e sociais partindo do diálogo. Nesse sentido, entende-se o fenômeno musical como uma expressão do ser humano, vinculado a dimensões culturais diversas, estabelecendo uma educação musical que parta da “interação entre músicas” (QUEIROZ, 2015, p.204). Pautando ainda que “uma educação musical intercultural enfrenta os conflitos, admite o diferente, encara as distorções sociais, erradica preconceitos e promove relações trans, multi, inter e intra-humanos.”(QUEIROZ,2015, p.204).

Tal perspectiva assume que uma educação musical pautada em três eixos norteadores e articulados entre si, pode promover um ensino que trabalhe a pluralidade de metodologias de formação, ideias e manifestações, que possibilite de forma diferente a igualdade de direitos e acessos, incorporando a promoção da diversidade do ser humano como característica fundamental.

Porém, para isso é necessária uma revisão de paradigmas e estigmas culturais que enraízam suas epistemologias em determinados espaços de ensino de música e concepções sobre ensinar e aprender música. Sendo assim, torna-se urgente um rompimento com as hegemonias estéticas que fazem a música correr por fios isolados que simplificam a complexa

teia de interações e subjetividades que permeiam o universo musical contemporâneo. A simplificação da música como algo que pode ser resumido a notas, timbres, ritmo e melodia, acaba por tirar dela o que realmente a torna um fenômeno intrínseco a cultura e a sociedade. Em relação a isso, chama à atenção uma analogia impactante que o autor descreve, para exemplificar tal simplificação:

[...] Parafrazeando o conhecido provérbio chinês “quando um dedo aponta para a lua, o tolo olha para o dedo”, acredito que, pensando na música, podemos afirmar: quando soa uma canção... o tolo ouve ritmo, melodia, harmonia e letra. (QUEIROZ, 2015, p.209).

A crítica feita pelo autor a esta forma de pensar a música parte do pressuposto de que o entendimento que almejamos na contemporaneidade é o de música como fenômeno cultural, com toda sua gama de subjetividades e significados, e assim atuando como um instrumento de problematização, que gere espaços de reflexão e promoção da igualdade através do respeito à diferença. Pois a condição de ser diferente é o que nos torna tão singulares, é o que nos dá o “direito de praticar, apreciar, valorar e viver a diversidade em música” (QUEIROZ, 2015, p.201). Dessa forma, assumimos na contemporaneidade uma dupla dimensão na educação musical visando a transformação da própria cultura, primeiro, a partir da problematização buscando a desconstrução de bases culturais enraizadas e dominantes; e uma segunda, que promova “ concepções e práticas alicerçadas em determinantes musicais estabelecidos culturalmente” (idem, p.205).

Outra autora que contribui para que possamos pensar uma educação musical mais plural e reflexiva é Maura Penna, em seu livro “Música(s) e seu Ensino” abordando em um dos capítulos uma reflexão da interculturalidade de forma mais prática e compreendendo como fundamental a atuação do diálogo em um ambiente intercultural, que propõe “interação, troca, reciprocidade e solidariedade entre culturas” (PENNA, 2012, p.93). Nesse sentido o educador só avança para uma perspectiva intercultural em sua sala de aula quando “se empenha na construção e efetivação de um projeto educativo intencional que promova a interação entre pessoas e culturas diferentes” (p. 94).

A autora ainda alerta para alguns riscos que corremos ao trabalhar nessa perspectiva, tais como a “guetização”, que se caracteriza por prender os grupos culturais em suas particularidades, negando o caráter vivo e dinâmico da cultura. Assim como o cuidado quanto ao “folclorismo”, que resume o trabalho com as múltiplas culturas para datas folclóricas comemorativas, como dia do Índio, festas Juninas, etc. Por isso a importância do diálogo e de se propor reflexões mais aprofundadas sobre as características dos diferentes grupos sociais e culturais. Entendendo que o multiculturalismo/interculturalismo indicam “a necessidade de trabalhar com diversidade de manifestações artísticas, considerando a todas como significativas, inclusive conforme sua contextualização em determinado grupo cultural.” (PENNA,2012, p.98).

Essas reflexões indicam que o caminho para iniciar um diálogo intercultural expressivo é ver o “outro”, qual a história que ele carrega consigo, de qual grupo social participa e qual carga de subjetividades que permeiam seu universo, acolhendo suas práticas culturais, sem negar assim, sua dança, sua música e seus valores estéticos, mas compreendendo-os como processos dinâmicos de múltiplas relações simbólicas entre o social e o individual.

## **O espaço da pesquisa**

Neste capítulo farei uma breve contextualização sobre espaço onde a pesquisa será realizada, iniciando com a apresentação da Associação Grupo de Amigos da Era de Aquário (AGAEA), comumente chamada somente de GAEA, passando posteriormente ao Núcleo Reinado Sepé Tiarajú, para daí chegarmos ao campo específico desta pesquisa, a Terapêutica Musical.

### **Associação Grupo de Amigos da Era de Aquário (AGAEA)**

O GAEA se constitui como uma associação sem fins lucrativos e que busca proporcionar a seus integrantes “um estilo de vida alternativo e voltado a um novo modo de

pensar e viver, se desligando um pouco do caos que a humanidade vive hoje.”<sup>1</sup> Para isso, são feitas práticas e estudos de cunho místico-científicos<sup>2</sup> que tem por objetivo alcançar um ponto de maior harmonia com o universo, através de ensinamentos que são repassados por “escolas e mestres de sabedoria”<sup>3</sup> e também com o uso de medicinas naturais. Foi fundada no dia 9 de Fevereiro de 2009, e conforme diz o Estatuto da instituição<sup>4</sup>, é “baseada e orientada essencialmente nos princípios Cristãos e também com característica de natureza filosófica, religiosa, mística, centro espiritual xamânico, associação de auxílio espiritual mútuo”.

A organização do GAEA fica por conta de uma diretoria administrativa que trata das questões legais e burocráticas da associação, e para os assuntos de cunho espirituais existe o Conselho Mesotérico, de maneira que ambas as instâncias são formadas por sócios da instituição. O grupo também é guiado pelo estatuto e por um regimento interno que dispõe sobre questões sobre os objetivos da instituição, os sócios e seus deveres, das penalidades pela quebra de alguma regra e dos poderes sociais onde se enquadram a Assembleia Geral, a Diretoria Executiva e o Conselho Fiscal. No estatuto também está disposto sobre seu Representante Geral, que é um dos sócios fundadores da instituição, tratando também de algumas disposições gerais.

Os grupos que constituem a associação são, hoje em dia, a própria sede (matriz), intitulada C.E.U. Diamantes de Salomão que fica em Putinga/RS, o Núcleo Reinado Sepé Tiarajú localizado em Bagé/RS, o Pré-Núcleo Fortaleza de Salomão em Viamão/RS, a Unidade Fortaleza de Gabriel de Chapecó/SC e também o Instituto Mantra que fica em Ponta Grossa/PR - este último com CNPJ próprio e filiado ao GAEA. Outra instituição a qual o GAEA

---

<sup>1</sup> Conforme o site oficial da Associação, disponível em <<http://www.agaea.org/index.htm>>, acessado em 22 de Maio de 2018.

<sup>2</sup> Explicado no estatuto como “ensinos Esotéricos transmitidos a séculos por ordens, escolas ou religiões através de seus mestres ou enviados e que chegaram até esta associação por registros escritos, falados ou então passados diretamente de pai para filho ou de mestre a discípulo, tendo como ensinamentos os passados pelo mestre maior, o Venerável Mestre Nosso Senhor Jesus Cristo, visando despertar no homem a sua Centelha Divina e promover a sua integração com a Divindade.”

<sup>3</sup> Conforme o site oficial da Associação, disponível em <<http://www.agaea.org/index.htm>>, acessado em 22 de Maio de 2018.

<sup>4</sup> ASSOCIAÇÃO GRUPO DE AMIGOS DA ERA DE AQUÁRIO. *Estatuto Social*. Putinga-RS, 07 de fevereiro de 2009.

está ligada, é a sede geral da UDV (União do Vegetal) no Acre, intitulada C.E.B. Templo de Salomão, de onde vem o chá da ayahuasca, explicado a seguir.

Dentro da associação são feitos trabalhos com a medicina da Ayahuasca, que significa na língua nativa “vinhos das almas”, também conhecido por outros nomes como *Daime*, *Oaska*, *Vegetal*, *Yagé*, etc. O uso desta bebida no trabalho do grupo é colocado como essencial, já que o grupo foi criado sob a força deste chá. Este uso é feito principalmente durante as denominadas *seções*, no qual o Art. 3 do Estatuto da Associação nos descreve:

b) A realização de trabalhos de cunho espiritual, com rituais próprios da doutrina cristã, nos quais se fará o uso sacramental da bebida intitulada "Vinho das Almas", também conhecida como Ayahuasca, obtido do preparo das plantas "Jagube" (nome científico "banisteriopsis caapi") e "Chacrona" (nome científico "psycotria viridis"). O "Vinho das Almas" produzido pelo Centro Espiritual Xamânico, é obtido pela decocção das plantas "Jagube" e "Chacrona", cujos alcalóides Beta-carbolínicos, "Hamina", "Harmalina", "Tetrahidroamina" e Dimetilriptamina DMT", induzem a um estado ampliado na consciência em seus usuários. Tem sua origem nos povos indígenas pré-colombianos, é considerada a bebida sagrada dos Incas e de várias tribos do território nacional, sendo o seu uso ritualístico legalmente autorizado pelo CONFEN para diversos grupos religiosos do país, dentre eles, Santo Daime, UDV, etc.); (p.1)

Além da Ayahuasca, também são utilizadas algumas outras medicinas na associação, como o tabaco<sup>5</sup>, sananga<sup>6</sup> e outras plantas curativas/medicinais e naturais como chás com folhas e ervas, óleos e defumações. Dentre elas o boldo, que atua no alívio de dores e mal-estar estomacal; a babosa, que contém muitas propriedades curativas; e o “Palo santo”<sup>7</sup>, um incenso natural que atua na limpeza energética do espaço, entre várias outras medicinas. Outra cerimônia que vem se tornando mais frequente no grupo é o Temazcal<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup>Mais informações sobre o uso medicinal desta planta podem ser encontradas no link <<http://xamanismosabedoriancestral.blogspot.com/2017/02/tabacouma-planta-ancestral-de-poder.html>>, acessado em 06 de Julho de 2018.

<sup>6</sup> Mais informações sobre esta medicina podem ser encontradas no link <<http://povodafloresta.com.br/sananga-o-colirio-da-floresta-amazonica/>>, acessado de 09 de Julho de 2018.

<sup>7</sup>Mais informações acerca desta medicina pode ser encontradas no link <<http://www.personare.com.br/palo-santo-limpa-energias-negativas-e-diminui-tensoes-2-m7272>>, acessado em 06 de Julho de 2018.

<sup>8</sup> Algumas informações sobre este ritual podem ser encontradas no link <<http://sitioholisticoterracristal.blogspot.com/p/temazcal.html>>, acessado em 09 de Julho de 2018.

Os pilares de estudos que o grupo segue são, sem nenhuma ordem de importância, o pilar da União do Vegetal (UDV), o pilar Xamânico, o pilar Oriental e o pilar do Santo Daime. Esses pilares têm por base o conhecimento gnóstico<sup>9</sup>, que fundamenta todo o conhecimento advindo destas correntes estudadas. Outro pilar fundamental na sustentação da associação é a união, a amizade. Sentir-se bem é uma premissa básica dentro do grupo, o trabalho em união para o bem da humanidade é um princípio muito forte para as pessoas que participam das atividades.

### **O Núcleo Reinado Sepé Tiarajú e a Terapêutica Musical**

Quando falo no Núcleo me aproximo mais do campo específico de minha pesquisa e da minha experiência como participante do GAEA, pois foi através deste que tive contato com todas as medicinas citadas acima e onde me firmei como sócio e trabalhador. Isso representa um desafio para a minha atuação na pesquisa, pois o exercício de me distanciar da minha experiência diária como participante e buscar um olhar mais distanciado para a prática que desenvolvo na Terapêutica Musical, pode ser bastante difícil, porém muito interessante para meu crescimento e desenvolvimento como professor de música e também como “dirigente” da atividade.

O grupo foi criado após a desfiliação de outro grupo que compunha o quadro de entidades ligadas a AGAEA. Com a separação alguns membros decidiram permanecer na Associação e em dois de novembro de 2013, foi criado o Pré Núcleo<sup>10</sup> (na época) que foi batizado de Reinado Sepé Tiarajú, porém, pouco tempo depois já passou a ter o “grau” de Núcleo. É um grupo filiado a AGAEA, que utiliza o mesmo CNPJ e que segue as mesmas diretrizes, estatuto e regimento interno, porém, adaptando-se para a realidade local.

Uma das atividades que se destaca dentro do Núcleo é a Terapêutica Musical. O objetivo desta atividade é o de justamente harmonizar as pessoas através das músicas,

---

<sup>9</sup>Uma explicação mais detalhada sobre a gnose pode ser encontrada neste link <<http://www.gnosisonline.org/textos-especiais/introducao-aos-estudos-gnosticos/>> Acesso em 04 de Julho de 2018.

<sup>10</sup> As denominações Pré Núcleo, Núcleo, CEU, etc; se caracterizam pelo “grau” (degrau) em que está o grupo filiado, tendo por alguns requisitos para a mudança de “grau” a quantidade de sócios e o tempo de atividade do grupo por exemplo.

também buscando acolher pessoas que querem conhecer as atividades propostas pelo Núcleo, atuando como uma “porta de entrada”. Além de criar um repertório que possa ser utilizado em outras atividades do grupo, principalmente nas cerimônias com a ayahuasca.

Refletindo sobre o nome da atividade ser Terapêutica Musical, logo vem-me à mente o que se tem no grupo como premissa em relação ao papel da música e da escuta musical dos participantes, tendo como senso comum que toda música evoca algum sentimento ou energia, então em um trabalho com a aprendizagem de músicas e cantos não seria diferente. Como são trazidos cantos que de alguma forma falam de curas, dos elementos (terra, água, fogo e ar/vento), ensinamentos de Mestres, etc; o nome mais apropriado que poderia ser utilizado é este, já que, música e sons são entendidos como instrumentos para harmonizar e/ou desarmonizar as pessoas.

As terapêuticas musicais iniciaram quando fui convidado pelos então dirigentes do Sepé, em maio de 2017, para compartilhar e ensinar aos demais integrantes do grupo os cantos que vinha aprendendo, cantos dos quais tive contato através da vivência dentro da instituição. Esta atividade não está descrita em nenhum documento da Associação e é uma atividade feita apenas no Núcleo Reinado Sepé Tiarajú, pois a princípio não se tem conhecimento de atividade similar em algum outro grupo do GAEA.

Os encontros desde o início foram feitos na sede do grupo e contam com um “rito” inicial que consiste em acolher os participantes com palavras de boas-vindas e convidar a quem se sentir à vontade para beber uma pequena quantidade de ayahuasca. Esta quantidade não caracteriza uma dose significativa e é servida para que os participantes possam se ‘conectar’ com o momento presente, mantendo o foco na atividade. Às vezes não é servida essa pequena dose, então utiliza-se somente o tabaco. Após esse procedimento geralmente se ouve alguma gravação da música que vem a ser trabalhada, pedindo que os participantes fechem os olhos e busquem sentir o que a música tem a nos “transmitir”. Esta escuta só não é feita em encontros que se retomam músicas já trabalhadas.

Ao longo do tempo, houve mudanças na metodologia da terapêutica musical, que a influenciaram somente a partir deste “rito inicial”, que segue sendo o mesmo. Nas primeiras terapêuticas, após a escuta das músicas, buscávamos reproduzir de forma mais fiel possível os cantos, as letras não eram impressas e sim, somente escritas no quadro que há no local.



Isso dificultava a retomada das canções em outros momentos, visto que a frequência dos participantes desde o início sempre foi “desregulada”. Outro ponto fundamental era a pouca interação dos participantes, já que tratava-se apenas de reproduzir as músicas.

Em um segundo momento, vista essa “defasagem” da metodologia, busquei pensar em maneiras que pudessem me ajudar a incentivar os participantes para que interagissem e contribuíssem nos encontros. Assim, as músicas passaram a ser rearranjadas de acordo com as possibilidades do grupo e dos participantes, que incorporam elementos e ideias as criações que são feitas, tornando os arranjos mais coletivos.

## **Educação Musical em ambientes religiosos**

A profunda ligação do Núcleo Reinado Sepé Tiarajú com elementos da religiosidade e da espiritualidade provoca uma reflexão que já tem se evidenciado no campo da educação musical. Ainda que recente, o olhar para as relações musicais que se estabelecem em ambientes religiosos já apresenta uma literatura que coloca em questão a dimensão religiosa/espiritual nas práticas cotidianas de ensinar e aprender música.

Lorenzetti (2015), por exemplo, destaca relações entre práticas de atuação/ensino de música e as aprendizagens quando investigou um grupo católico em Porto Alegre-RS e suas experiências pedagógico-musicais. Evidenciando esse espaço não somente como um espaço de aprendizagens técnico/musicais, mas também como sendo importante para as relações interpessoais dos participantes. Ao falar do contexto gospel evangélico, Reck (2011) investigou um grupo de louvor neopentecostal no Rio Grande do Sul, buscando olhar para as práticas musicais e as construções de identidade desta cultura e identificando complexidades nas identidades dos músicos neste contexto, que acarretam na diversidade da forma de produção musical deste gênero. Em uma pesquisa mais recente (RECK, 2017), o autor produziu um estudo (auto)biográfico sobre a dimensão da religiosidade/espiritualidade na formação superior em música.

Queiroz (2015) nos faz refletir dentro de uma perspectiva Intercultural sobre as complexidades, por exemplo, de se “[...]trabalhar educacionalmente um cantochão, uma canção gospel evangélica e um canto para oxalá”, pois implica em “contemplar formas

diferentes de impostar a voz, de organizar o canto rítmica e prosodicamente, de articular e pronunciar a letra”(p.212). Mas o autor chama atenção principalmente para outro ponto fundamental para a relação que se faz entre as instancias da música e religião, que é:

[...] abarcar a relação dessas características estéticas com expressões diversas da religiosidade humana que dão sentido a essas músicas, sejam elas mais ou menos institucionalizadas em uma religião, em evidenciar que, conotativamente, cada música dessas evoca elementos de um mundo invisível que dá aos humanos percepções e relações de sacralidade fundamentais para transcenderem suas vidas mundanas. Uma educação musical intercultural não ficará limitada aos sons que dão forma a tais músicas, pois sem a dimensão religiosa elas perderão aquilo que faz delas, de fato, expressões humanas, qual seja: seus significados. Significados que fazem dessas músicas singularmente representativas para os sujeitos que as concebem, as vivenciam e as praticam. (QUEIROZ, 2015, p.212).

Pesquisas nessa linha também aparecem publicadas em anais da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) dos anos de 2013 e 2015, através de autores que se interessam em pensar a educação musical e suas relações com a religião (LORENZETTI, 2013; SOUZA; LIMA, 2013; SOARES; KAISER, 2013; RECK; LOURO, 2013, 2015; SILVA; ABREU, 2015; FREITAS, 2015; NOVO; RIBAS, 2015; LUNELLI, 2015).

## Metodologia

A abordagem metodológica da pesquisa terá um enfoque qualitativo, dando ênfase para a descrição e interpretação de dados, respondendo a questões de pesquisa e questões éticas do próprio pesquisador, trazendo segundo Bresler (2000) “uma abordagem holística de aproximação a realidade”(p, 6), o que implica em “uma relação entre o investigador e aquilo que está sendo investigado”(p.6), tornando impossível a neutralidade na pesquisa, pois o pesquisador se torna parte da realidade que estuda, restando com que o objetivo se torne “estar consciente dos preconceitos e parcialidades de cada um e observá-los ‘através’ de processos de recolha e análise de dados”(p. 6). A autora ainda elenca em seu texto algumas características da pesquisa qualitativa, tais como: 1) É contextual e holística; 2) É orientada

caso por caso; 3) É empírica e orientada para o campo, entendendo-se o campo como o ambiente natural do “caso”; 4) Implicado um prolongado envolvimento nos ambientes em estudo; 5) É descritiva; 6) É interpretativa e enfática; 7) O investigador é o instrumento-chave; 8) Há uma sobreposição de recolha e análise de dados; 9) A análise dos dados é indutiva; 10) As observações e interpretações são validas; 11) O relatório escrito tem como objetivo facilitar a transferência das conclusões a que se chegou, para experiência dos leitores.

Estudos qualitativos em educação musical vêm sendo desenvolvidos a partir de diferentes enfoques e perspectivas. Algumas pesquisas nessa abordagem foram orientadas a partir das teorias do cotidiano e organizadas pela professora Jusamara Souza no livro “Aprender e Ensinar Música no Cotidiano”. Este livro conta com textos que tiveram como base pesquisas em educação musical que privilegiam a abordagem qualitativa e que “buscam compreender como as pessoas dão sentido às músicas que ouvem e “veem” no dia a dia e que, de certa forma, lhes oferecem um sentido para si próprias”(SOUZA, 2009, p. 8).

Nessa linha de abordagem qualitativa de pesquisa em educação musical, proponho para a realização metodológica da presente pesquisa a escrita e análise de diários de aula, pois possibilitam, segundo Reck, Louro e Raposo (2014), um estudo sobre os “fenômenos relacionados a aprender e ensinar música”(p. 125) sendo:

[...] alternativas de reflexão na formação e na atuação profissional de professores na construção de caminhos de subjetivação e no encaminhamento de dilemas musicais e pedagógico-musicais, nos seus mais diversos meios de atuação. Além disso, representam um meio de compartilhamento de angústias e alegrias, sucessos e insucessos das práticas docentes mais variadas. (LOURO; TEIXEIRA; RAPOSO, 2014, p.27)

Nessa perspectiva os diários de aula se caracterizam como instrumentos sensíveis para compreender as subjetividades da prática docente em contextos cada vez mais complexos. Assim, serão escritos oito diários de campo dos encontros da terapêutica musical, que geralmente duram em torno de uma hora, durante um período que compreende os meses de agosto e setembro de 2018. Posteriormente, esses diários serão analisados com base em autores que possam me ajudar a compreender os processos que caracterizam a terapêutica musical como um espaço de vivências e múltiplas aprendizagens musicais.

## Desafios e Perspectivas

Acredito que será um grande desafio buscar compreender as subjetividades envolvidas em um ambiente que traz elementos tão sensíveis como espiritualidade e religiosidade e que visa o bem-estar dos participantes. Outro desafio que se torna evidente é o de me distanciar do papel de docente/condutor da atividade, para que possa ser empregado um olhar mais transparente na escrita dos diários e posterior análise. Assim como já está se evidenciando na escrita e apresentação de um campo de pesquisa que soa tão familiar.

A busca por identificar as dinâmicas de relacionamento e construções de repertório e arranjos levando em consideração as histórias de vida dos participantes pode ser um dos caminhos que a pesquisa encontre. Porém, acredito que somente ~~ao~~ *estar* no momento de analisar os diários escritos, poderei apresentar alguma perspectiva mais concreta dos rumos que a pesquisa pode tomar.

## Referências

- BRESLER, L. Metodologias qualitativas de investigação em Educação Musical. *Revista Música, Psicologia e Educação*. Porto, n.2, p. 5-30, set. 2000.
- FREITAS, Marcus Vinícius de. Os diferentes perfis de liderança musical em vinte igrejas evangélicas e suas funções. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, Natal/RN. *Anais...Abem: Natal, 2015*, p.1-12.
- LORENZETTI, Michelle Arype Girardi. *Aprender e ensinar música na Igreja Católica: um estudo de caso em Porto Alegre/RS*. Dissertação de Mestrado, PPGMUS/UFRGS, 2015.
- LORENZETTI, Michelle Arype Girardi. A Igreja Católica como espaço de educação musical: aulas de canto em um grupo de jovens. In: XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2013, Pirenópolis. *Anais... Abem: Pirenópolis, 2013*, p.199-208.
- LOURO, Ana Lúcia; TEIXEIRA, Ziliane; RAPÔSO, Mariane (Orgs). *Aulas de música: narrativas de professores numa perspectiva (auto)biográfica*. Curitiba: CRV, 2014.
- LUNELLI, Diego Conto. Processo de ensino/aprendizagem em casa de religião: um estudo de caso. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, Natal/RN. *Anais...Abem: Natal, 2015*, p.1-11.
- NOVO, José Alessandro. RIBAS, Maria Guiomar. Música no campo religioso: um estudo sobre formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, Natal/RN. *Anais...Abem: Natal, 2015*, p.1-13.
- PENNA, Maura. *Música (s) e seu Ensino*. 2. ed. rev. ampl. 1. reimpr. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- QUEIROZ, Luís Ricardo. Há diversidade(s) em música: reflexões para uma educação musical intercultural. In: SILVA, Helena Lopes da. ZILLLE, Antônio Baêta (org.). *Música e Educação*. Barbacena: EdUEMG, 2015, 232p. (Série Diálogos com o Som. Ensaios; v.2).
- RECK, André Müller. *Narrativas Religiosas no Ensino Superior em Música: Uma Abordagem (Auto)Biográfica*. Tese de Doutorado. CE/UFSM. Santa Maria, 2017.
- RECK, André Müller. *Práticas musicais cotidianas na cultura gospel: Um estudo de caso no ministério de louvor Somos Igreja*. Dissertação de Mestrado. CE/UFSM. Santa Maria, 2011.

RECK, André Müller. LOURO, Ana Lúcia. RAPÔSO, Mariane Martins. Práticas de educação musical em contextos religiosos: narrativas de licenciandos a partir de diários de aula. *Revista da ABEM*, Londrina, v.22, n.33, pág.121-136, jul/dez 2014.

RECK, André Müller. LOURO, Ana Lúcia. A construção de identidades musicais em contextos religiosos: a cultura gospel. In: XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2013, Pirenópolis. *Anais...Abem: Pirenópolis*, 2013 p.49-60.

SILVA, Mara Pereira. ABREU, Delmary Vasconcelos. A igreja como espaço constituinte da experiência musical: narrativas de jovens indígenas do IFPA. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, Natal/RN. *Anais...Abem: Natal*, 2015a, p.1-11.

SOARES, Paulo R. S. KAISER, Izaura S. A música gospel: um olhar sobre a prática musical das igrejas evangélicas brasileiras nas últimas duas décadas. In: XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2013, Pirenópolis. *Anais... Abem: Pirenópolis*, 2013, p.284-294.

SOUZA, Jusamara. *Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões*. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009. Cap. 1, p.7-12.

SOUZA, Priscila Gomes; LIMA, Agostinho Jorge de Lima. A Formação em Música na IEARDERN – Templo Central. In: XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2013, Pirenópolis. *Anais... Abem: Pirenópolis*, 2013.